



*Tip Lewis
e
Sua
Lâmpada*



Tip Lewis and His Lamp ©1987
foi publicado originalmente no inglês sob
o título *Tip Lewis and His Lamp* pela
Rod & Staff Publishers, Inc.
Crockett, Kentucky 41413 – EUA
e traduzido para o português pela
Publicadora Menonita
C.P. 105
75901-970 Rio Verde – GO
com autorização expressa e exclusiva da
Rod & Staff Publishers, Inc.

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
Nenhuma parte desta edição pode ser uti-
lizada ou reproduzida em qualquer meio
ou forma — seja mecânico, eletrônico ou
mediante fotocópia, gravação, etc. — nem
apropriada ou estocada em sistema de
banco de dados, sem a expressa autoriza-
ção da Publicadora Menonita.

Esta edição de Tip Lewis e Sua Lâmpada
foi publicada pela
Literatura Monte Sião
com autorização expressa da
Publicadora Menonita



Tip Lewis
e
Sua Lâmpada

Por
“Pansy”

Tradução
Charles David Becker

Literatura Monte Sião
Caixa Postal 241
18550-970 Boituva – SP

www.lmsdobrasil.com.br

e-mail: info@lmsdobrasil.com.br

2009





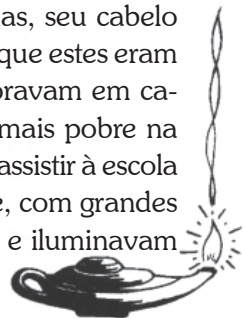
Capítulo 1

Lança o teu pão sobre as águas.

A sala estava cheia. Crianças de todas as idades, moças e rapazes, alguns quase com tamanho de adultos, enchiam os bancos. Os alunos acabaram de cantar seu hino predileto, *Terra Feliz*. O superintendente circulava entre os bancos, vendo quais as classes que não tinham professora, e achando, chamava uma professora da classe dos visitantes perto do púlpito.

O banco comprido perto da porta estava ocupado esta manhã por uma meia dúzia de meninos descalços, que vestiam roupas sujas e esfarrapadas. Não havia professora para a classe deles. Bastava um olhar nos meninos para ver que haviam vindo, não para estudar, mas para se divertir.

Que rostos mais espertos, traiçoeiros, e ao mesmo tempo inteligentes! Suas calças e camisas rasgadas, seu cabelo despenteado, o próprio olhar deles, mostrava que estes eram da “classe da missão”. Eram rapazes que moravam em casabres sem pintura, sem conforto, no bairro mais pobre na periferia da cidade. Alguém os convidara para assistir à escola dominical na igreja, um lugar limpinho, alegre, com grandes janelas pelas quais os raios solares passavam e iluminavam



Tip Lewis e Sua Lâmpada

as moças e os rapazes, todos arrumadinhos e com o cabelo penteado.

Mas os rapazes no canto estavam inquietos. Cada um puxava o cabelo do outro. Riam como se esta visita à igreja fosse a coisa mais engraçada que já acontecera em sua vida.

O superintendente parou perto dos rapazes.

— Bom dia, rapazes. É um prazer tê-los aqui. Onde está sua professora?

— Nós não têm — respondeu um deles.

— Ela foi para a Guiana — disse outro.

Outro ainda explicou:

— Ela teve medo da gente. Tip, este sujeito aqui ao meu lado, sujou o vestido dela com seu pé lambrecado no domingo passado. Sabe, este Tip é um mau elemento.

Os rapazes acharam extremamente engraçado este pequeno discurso. Riram tão alto que as moças do outro lado da sala olharam para ver o que estava acontecendo.

Tip passou os dedos no cabelo desarrumado e riu tão alto quanto os outros rapazes.

O superintendente levantou a mão.

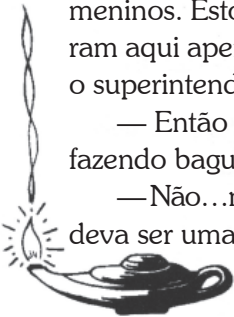
— Um momentinho, que vou arrumar uma professora para vocês, uma professora boazinha. Mas vocês vão ter que respeitá-la, está bom?

Havia sobrado apenas uma pessoa no banco onde as professoras se sentavam até receberem sua classe. Era uma mulher jovem que parecia um pouco acanhada.

— Sr. Parker, não vou conseguir dar aula para aqueles meninos. Estou observando-os desde que cheguei. Eles vieram aqui apenas para fazer bagunça — ela disse depois que o superintendente a chamou para dar aula para os rapazes.

— Então vamos deixá-los sozinhos para que continuem fazendo bagunça?

— Não... não é bem isso que estava pensando. Mas creio que deva ser uma professora com mais capacidade do que eu.



Capítulo 1

— Senhorita Perry, temos duas opções. Ou você dá aula para estes rapazes ou eles ficam sem professora.

Vendo-a calada, hesitante, com voz mansa o Sr. Parker citou um versículo da Bíblia: “Todas as vezes que o deixastes de fazer a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer”.

Com voz trêmula, ela disse:

— Vou sim, Sr. Parker. Sendo que não há mais ninguém que possa dar esta aula, vou fazer o melhor possível. Oh! mas estou com tanto medo...

Ela e o Sr. Parker foram passando pelas classes de crianças bem vestidas, até chegarem na classe perto da porta.

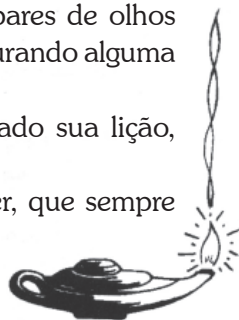
— Rapazes, quero apresentar a senhorita Perry. Vamos todos ser cavalheiros e tratá-la com educação — o Sr. Parker pediu aos rapazes.

Quando a senhorita Perry se sentou na cadeira da professora, seu coração estava a cem por hora. Na sua igreja, que ficava a muitas centenas de quilômetros desta cidade, ela dava aula na escola dominical. Todos os domingos cinco meninas coradas, atenciosas, sentavam-se na sua frente. Eram meninas que sabiam responder às perguntas feitas pela professora, pois em casa as mães ensinavam as meninas a amar e conhecer as histórias bíblicas. Elas prestavam atenção em tudo que a professora dizia e na hora da oração, inclinavam a cabeça com reverência. E além do mais, adoravam a professora, e, como se pode imaginar, ela adorava as alunas.

Mas estes rapazes... Esta era outra história. No entanto, era preciso ensinar-lhes alguma coisa. Seis pares de olhos ficaram olhando-a, olhos cheios de vida, procurando alguma coisa para lhes divertir.

— Rapazes, vocês não devem ter estudado sua lição, certo? — ela perguntou com voz mansa.

— Quase nada — respondeu Bob Turner, que sempre era o primeiro a falar.



Tip Lewis e Sua Lâmpada

— A gente não vem para a escola dominical para estudar. Só aparecemos aqui quando está quente demais para pescar ou juntar frutas no campo.

— Tip é tão preguiçoso que não fica em casa porque tem medo de sua mãe lhe peça para fazer algum serviço.

— Que nada! — disse um dos rapazes arrastando as palavras. Era o Tip. Disse:

— Eu estou aqui porque minha casa é muito quente.

— Gente, vamos mudar de assunto — disse a professora, mais assustada do que nunca.

Os rapazes estavam rindo como se nunca tivessem ouvido uma coisa mais engraçada.

— Já que vocês não estudaram a lição, vou-lhes contar uma história.

Isso tudo bem. Os rapazes estavam dispostos a ouvir uma história... desde que não fosse uma história boba.

— Vou-lhes contar o que aconteceu com um rapaz de uns 13 anos de idade. Chamava-se Robert. Ele próprio me contou a história, de modo que sei que é verdade.

“Ele me disse que uma tarde estava andando na rua principal da cidadezinha onde morava...”

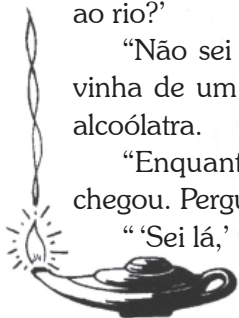
— E onde foi isso? — interrompeu Bob Turner.

— No oeste do país. Ele estava bem chateado. Vagueava na rua sem saber para onde ia. Mas andando assim, chegou a uma encruzilhada onde duas estradas se encontravam. ‘Agora’, ele pensou, ‘devo virar à esquerda e ir para casa e ficar à-toa até a hora de deitar, ou devo virar à direita e ir ao rio?’

“Não sei se vocês estão entendendo, mas Robert não vinha de um lar feliz. Sua mãe era falecida e seu pai era alcoólatra.

“Enquanto estava ali parado, pensando, outro rapaz chegou. Perguntou: ‘Ei Rob, você está indo para casa?’

“‘Sei lá,’ respondeu Robert. ‘Não sei o que vou fazer’.



Capítulo 1

“Então vamos para minha casa, jogar bola’.

“Mas Robert ainda ficou indeciso. Ele adorava jogar bola, isso sim, e era melhor andar na companhia de um amigo do que andar sozinho. Por que, então, não lhe saía da cabeça esta idéia de ir sozinho para o rio? Era uma coisa sem explicação. Mas uma vizinha parecia dizer: ‘Vá por este caminho. Vire à direita. Vá até o rio’. Finalmente ele disse: ‘Sabe de uma coisa? Vou dar um pulinho no rio primeiro’.

“Ele pegou o caminho da direita e logo, logo chegou ao rio...”

— E o que aconteceu com o outro cara? — perguntou Bob.

— Chegaram outros rapazes e saiu andando com eles. Mas, como estava dizendo, chegando ao rio, havia uma árvore enorme. Na sombra desta árvore havia um lugar onde Robert gostava de se sentar e pensar, mas desta vez havia um senhor sentado no lugar onde ele normalmente ficava sentado. Em sua mão segurava um livro. Mas não estava lendo. Observava o pôr-do-sol.

“Ouvindo os passos de Robert, olhou para ele e disse: ‘Boa tarde. Tenha a bondade de se sentar aqui comigo’.

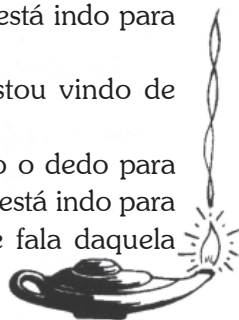
“Depois que Robert se sentou, o senhor disse: ‘Agora mesmo ouvi um rapaz perguntar a alguém: “Então você vai para casa, Robert?” Foi você quem perguntou?’

“‘Não’, respondeu Robert. ‘Foi Hal Carter que gritou isto para mim quando me viu’.

“‘Ah! entendi. Ele estava conversando com você. Pois bem, eu lhe faço a mesma pergunta: “Você está indo para casa?”’

“‘Não,’ respondeu Robert de novo. ‘Estou vindo de casa’.

“‘Tudo bem’, disse o homem apontando o dedo para as nuvens. ‘Mas o que quero saber é se você está indo para *aquela* casa? Estava lendo neste livro onde fala daquela



Tip Lewis e Sua Lâmpada

casa. Vendo este rio, resolvi ler o trecho onde diz: “Então me mostrou o rio da água da vida, claro como cristal”. Em outro lugar descreve a cidade neste lugar. As portas são de pérolas e as ruas de ouro transparente. Os habitantes desta cidade têm coroas na cabeça. E sendo que é um dia muito quente, lembrei-me de um trecho onde diz que “nem sol nem calor algum cairá sobre eles”. Meu filho, você não quer ir para este lugar?”

“‘Para falar a pura verdade, não sei’, respondeu Robert sem saber o que achar de palavras tão estranhas”.

A esta altura, o sino tocou indicando que a aula estava para terminar. A senhorita Perry teve que resumir o restante da história.

— Rapazes, não vai dar para contar tudo que o homem disse, mas depois daquela conversa, Robert começou a pensar muito em tudo isso. Logo ele mesmo começou a ler a Bíblia e a orar. Isto já faz mais de 50 anos. Hoje ele é um pastor idoso, mas já ouvi suas pregações muitas vezes. Ele me disse uma vez que sempre vai crer que aquela vizinha pedindo que virasse à direita e não à esquerda, foi de Deus.

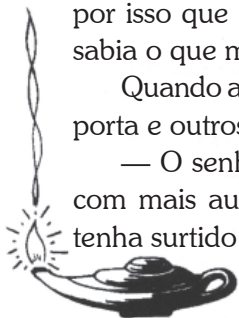
— Ai! — gritou Tip e a senhorita Perry parou.

— Joe me beliscou — explicou Tip.

A professora ficou triste. Parecia que os meninos não haviam prestado muita atenção em sua história. Enquanto ela falava, mexiam no banco, uns beliscavam nos outros e não paravam de fazer bagunça. Mas de vez em quando dava para ver que prestavam atenção durante alguns instantes. Foi por isso que continuou sua história, pois na realidade não sabia o que mais fazer.

Quando a aula terminou e os meninos saíram, alguns pela porta e outros pela janela, ela disse ao Sr. Parker:

— O senhor deve entregar esta classe a algum homem com mais autoridade do que eu. Tentei, mas duvido que tenha surtido qualquer efeito positivo.



Capítulo 1

Isto ela disse com lágrimas nos olhos.

O superintendente disse bondosamente:

— Você fez o que pôde. Ninguém pode fazer mais do que isso.

Teria sido bom se alguém tivesse falado baixinho para esta professora: “Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará com cânticos de alegria, trazendo consigo os seus molhos”.



Capítulo 2

Outra caiu em boa terra, e deu fruto.

Tip Lewis bocejou, espreguiçou e finalmente abriu seus olhos. Era segunda-feira e o sol estava alto.

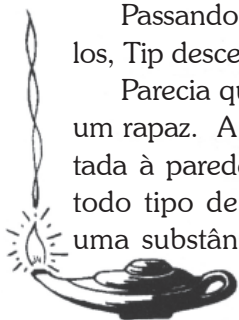
“É isso mesmo!” ele pensou, bocejando novamente. “Não tem outro jeito; é preciso levantar. Queria que não fosse tão difícil levantar. Saber que se tem que levantar no outro dia estraga o prazer de se deitar à noite”.

Com isso saiu da cama. Era o mesmo Tip que havia provocado quase todas as bagunças na aula da senhorita Perry no dia anterior. Era o mesmo Tip, com o mesmo cabelo desarrumado e os mesmos pés sujos.

A cama de Tip era parecida com ele, quer dizer, toda bagunçada. E o quarto era parecido com a cama. Era uma cena de poeira, trapos e pobreza.

Passando os dedos, sua versão de um pente, pelos cabelos, Tip desceu a escada precária até a cozinha.

Parecia que tudo na cozinha foi planejado para chatear um rapaz. A mesa, com apenas três pernas, estava encostada à parede para não cair. O forro estava imundo com todo tipo de comida pregada nele. Numa vasilha havia uma substância que parecia ser banha, mas que a mãe



Capítulo 2

de Tip chamava de manteiga, e um pedaço de pão duro.

Não havia outra coisa em cima da mesa. Havia tantas moscas que iriam acabar carregando o pão, se não morressem afogadas primeiro dentro da manteiga. Os raios solares que entravam pela janela iluminavam esta cena triste.

Caminhando para o fogão onde sua mãe estava preparando o café, Tip tropeçou nas botas de seu pai que estavam jogadas no chão.

A mãe perguntou ao filho:

— E aí, você resolveu levantar? Deveria ter vergonha, um rapagão do seu tamanho ficar deitado até estas horas, deixando a mãe cortar lenha e buscar água para fazer seu café.

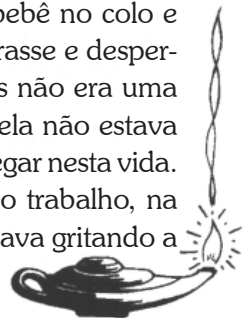
Em tom de brincadeira, ele disse:

— Que nada, Mãe. A senhora não vai tomar um pouco do café também? Cadê meu pai?

— No mesmo lugar onde você esteve até agora, puxando a palha. Que povo! Queria era morrer!

A senhora Lewis se afastou um pouco do fogão a lenha e enxugou as gotas de suor em sua testa, abanando seu avental grande para se refrescar um pouco. Parecia estar cansadíssima e mal-humorada.

Mas as aparências às vezes enganam e a mãe de Tip não estava tão mal-humorada como parecia. Se Tip soubesse o que estava passando por sua cabeça, teria ficado muito triste. Na realidade ela não achava ruim o fato do pai ainda estar deitado. Ficou feliz, que depois de uma noite de muito sofrimento, ele agora estava conseguindo descansar. A mãe se levantara ainda de madrugada, pegou o bebê no colo e começou a andar com ele, para que não chorasse e desperdesse o pai. Não, de coração a senhora Lewis não era uma mulher ruim. Mas acontece que esta manhã ela não estava suportando o fardo pesado que tinha que carregar nesta vida. Ela pensou no seu rapaz que tinha alergia do trabalho, na sua filhinha que com a menor provocação estava gritando a



Tip Lewis e Sua Lâmpada

pleno pulmão, no seu nenezinho gordinho que tomava muito de seu tempo, e no seu marido, que, embora ela mesma não admitisse, a cada dia que passava ficava mais fraco. Ela sabia perfeitamente que a única coisa capaz de evitar que morressem de fome eram as suas próprias mãos cansadas. Não é por menos que sua voz estava cansada e irritada, pois não havia ninguém que a ajudasse a carregar seu fardo. Ela não conhecia o amoroso Salvador que convida: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”.

Johnny, o bebê, deu um berro do seu berço no canto de um dos dois pequenos quartos que davam para a cozinha daquela casinha. Um terceiro quarto, no sótão, era onde Tip dormia.

A senhora Lewis olhou rapidamente para a porta do quarto do marido e viu que estava fechada. Ela pediu:

— Kitty, faça o bebê dormir.

— É, né... É fácil pedir, mas queria ver a senhora fazer este menino dormir — resmungou a menina que estava sentada no chão tentando amarrar seu sapato.

“É né”, remedou Johnny de seu berço, como se estivesse querendo dizer: “Também queria ver”.

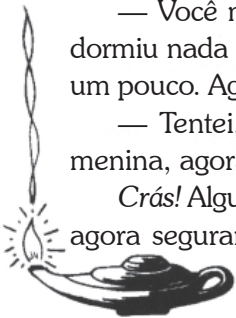
Vendo que ninguém iria pegá-lo, soltou um berro para ninguém pôr defeito. A mãe veio correndo da cozinha.

— Menina feia! — ela disse a Kitty enquanto levantava o pequeno rebelde de seu berço. Ainda falando com a menina, disse:

— Você não está nem aí com seu pai, coitado. Ele não dormiu nada esta noite. Por que você não balançou o berço um pouco. Agora mesmo vou lhe dar uma surra daquelas.

— Tentei, mas não era isso que ele queria — disse a menina, agora emburrada

Crás! Alguma coisa quebrou na cozinha. A senhora Lewis, agora segurando o bebê, voltou correndo para ver o que



Capítulo 2

havia acontecido. Logo descobriu que o responsável pelo barulho fora o Tip. Estando com fome, cortou um pedaço de pão. Ao tentar pegar a manteiga na outra ponta da mesa, derrubou a jarra de água. E como acontece com toda jarra de barro que cai no chão, esta também se quebrou.

O pouquinho de paciência que a mãe ainda tinha, agora acabou. Pegou o pedaço de pão, jogou para Tip, e gritou:

— Tome aí! Agora pode sumir! Não quero mais ver sua cara hoje. Se não quiser apanhar, saia agora!

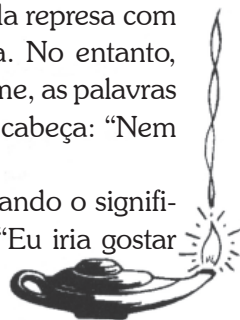
No meio de toda esta confusão, enquanto sua mãe virou para o fogão, Tip aproveitou para passar uma manteiga em seu pão e dar o fora antes de apanhar mesmo.

Faltava uma hora para as aulas começarem, embora isto para Tip não significasse nada, pois só ia para a escola no dia em que desse vontade. Da sua casa foi direto para seu esconderijo predileto, uma represa perto do povoado, onde se deitou na grama e começou a conversar com os peixes.

“Coisa boa é ser peixe”, ele disse consigo mesmo. “Veja bem, onde eles estão está fresquinho. O sol não esquenta como aqui onde eu estou. Deveria ter trazido minha vara para levar pelo menos um destes peixes para casa para o almoço. Tem só um problema, pescar num calor desses não dá. E além do mais, seria até chato tirar um peixe de um lugar tão gostoso para um lugar tão quente como este. Não, não tenho coragem de tirar um peixe de uma água tão gostosa como essa”.

De todos os alunos na sala da senhorita Perry, era justamente deste que agora estava deitado perto da represa com inveja dos peixes que ela menos sentia falta. No entanto, deitado na sombra fresca de uma árvore enorme, as palavras de uma música começaram a circular em sua cabeça: “Nem sol nem calor algum cairá sobre eles”.

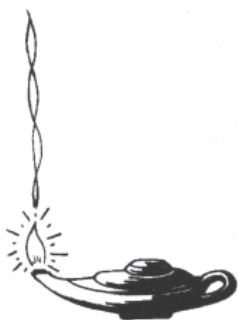
“Interessante!” ele exclamou baixinho quando o significado destas palavras penetraram sua alma. “Eu iria gostar



Tip Lewis e Sua Lâmpada

de uma coisa dessas. Nunca mais sentiria calor. Gostei da história que ela contou sobre aquele menino. Sua vida estava toda bagunçada. Queria ter conhecido este rapaz. Ele deu uma reviravolta completa depois que o homem conversou com ele. Agora ele é um pastor. Ele é respeitado por muita gente. Acho isso até bonito. Eu também gostaria de ser respeitado pelos outros, gostaria mesmo. Seria bom se quando eu andasse na rua os outros dissessem: 'Aquele é o Tip Lewis. Você nunca viu um rapaz igual'. Engraçado. Isto nunca vai acontecer. Todo mundo já está acostumado a me encarar como o pior moleque da paróquia. Ninguém iria acreditar mais em mim. E se eu mudasse? Sei lá, mas estou pensando em mudar mesmo!"

Tip rolou e ficou deitado de costas, olhando para o céu azul. Deitado assim teve uns pensamentos bem sérios, talvez os primeiros pensamentos realmente sérios de sua vida. Quando finalmente ele se levantou e virou as costas para os peixes que nadavam nas águas da represa e dirigiu-se à escola, sentiu que talvez alguma coisa mudaria em sua vida. Ele não conseguia definir o que iria ser, ou como, mas a história que aparentemente não ouvira na escola dominical agora estava mexendo com seu coração. Era uma pequena luz e ele ainda andava muito cego, mas a semente estava começando a brotar.



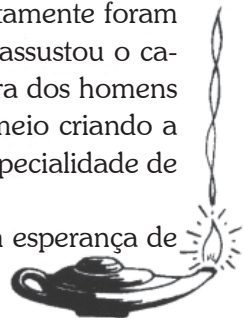
Capítulo 3

*Quando o fizestes a um destes meus
pequeninos irmãos, a mim o fizestes.*

Virando a esquina de onde Tip Lewis morava, e seguindo alguns quarteirões, havia uma casa branca bem grande. Não havia outra casa tão linda naquela cidadezinha. Muitas vezes Tip passara na frente desta casa, parando para olhar os lindos gramados e o chafariz que jogava água ao ar. Quantas vezes não parara perto do portão, desejando ver o chafariz mais de perto. A verdade é essa, embora sendo um rapaz bagunceiro, no fundo do seu coração adorava coisas bonitas.

Agora, no dia 4 de julho [Dia da Independência nos EUA], Tip se levantou da cama cedo e foi para a rua. Pegou um cavalo que fugira do dono devido ao barulho dos foguetes. O homem lhe deu dez centavos, que imediatamente foram gastos na compra de foguetes com os quais assustou o cavalo de outro cidadão. Quando chegou a hora dos homens darem um tiro no grande canhão, ficou no meio criando a maior confusão. Aliás, criar confusão era a especialidade de Tip Lewis.

Em torno das dez horas, quebrado e sem esperança de



Tip Lewis e Sua Lâmpada

ganhar mais uns trocadinhos, resolveu cair fora. Levantara às seis horas e saíra de casa sem tomar café. Não iria adiantar nada voltar para casa, pois a esta hora não teria mais nada para comer. Seus colegas estavam sumidos e ele já estava de mau humor. Não estava sendo um dia divertido como havia esperado que fosse. Sentou-se num tambor velho e ficou pensando. Finalmente levantou-se e perambulou pelas ruas, procurando alguma diversão.

Nisso ele viu o Sr. Minturn, o proprietário da grande casa branca, se aproximando. Seus braços estavam cheios de embrulhos. Imaginem a surpresa de Tip quando o homem parou e ficou olhando-o de cima a baixo. Perguntou:

— Você é filho de quem?

— De John Lewis.

— Onde você mora?

— No outro lado da represa, perto do moinho.

— Ah! então seu pai é o carpinteiro. Eu o conheço. E você, como se chama?

— Tip.

— Tip! Que nome é esse? É Tip de quê?

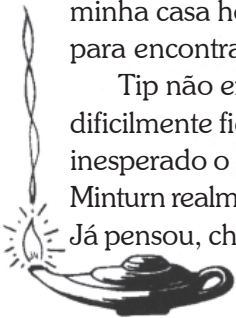
— Bem, meu nome realmente é Edward, mas ninguém me conhece por este nome. Nem eu — respondeu Tip.

— Está bem, Tip; também vou lhe chamar de Tip. Quero que você se conheça. O que você vai fazer hoje à noite?

— Quando? Hoje à noite? Andar à toa e procurar alguma diversão. Não há mais nada para fazer.

— Diversão. Então é isso que você quer? Venha para minha casa hoje à tarde antes de escurecer. Vamos ver se dá para encontrar alguma diversão lá.

Tip não era um rapaz que se envergonhava facilmente e dificilmente ficava sem resposta. Mas este convite totalmente inesperado o deixou sem fôlego. Isto era um sonho? Ou o Sr. Minturn realmente estava convidando-o para ir à casa branca? Já pensou, chegar perto do chafariz e sentir algumas gotas de



Capítulo 3

água caírem em seu rosto! Sentiu vontade de pular de alegria. No entanto, quando o Sr. Minturn perguntou:

— E aí, dá para ir?

Pela primeira vez em sua vida Tip gaguejou e não teve uma resposta na ponta da língua.

— Ah!...ah não sei...não tenho roupas.

— Não tem roupas? E isto que você está vestindo agora? — perguntou o Sr. Minturn.

— Isto, meu senhor, eu chamo de trapos — respondeu Tip, sentindo-se à vontade novamente.

O Sr. Minturn riu e olhou as roupas acabadas do rapaz novamente.

— De fato, meu filho, são trapos mesmo. Mas me diga uma coisa? Tem água em sua casa, não tem?

— E muita.

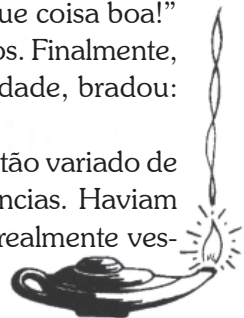
— Então enfie sua cabeça num balde d'água e venha hoje à noite com a cara bem limpinha. Quem sabe vai conseguir se divertir.

O Sr. Minturn havia pensado muito neste rapaz. Já estava de saída, quando parou e disse:

— Meu filho, se você encontrar alguém com roupas iguais às suas, ou até piores, quero que o traga à festa. Pode ser rapaz ou moça, e a quantidade que for, se não tiverem para onde ir, serão bem-vindos em minha casa.

“Agora gostei!” exclamou Tip, quando se encontrou sozinho de novo. “Gostei mesmo. Posso levar quem eu quiser. Sei quem eu vou levar. Vou levar o Bob Turner. Sua camisa está mais rasgada do que a minha. Ah! mas que coisa boa!” Tip andou assobiando e dando pequenos pulos. Finalmente, não sabendo mais como expressar sua felicidade, bradou: “Viva!”

Nunca antes a casa branca vira um grupo tão variado de rapazes e moças reunidos em suas dependências. Haviam vindo de todos os bairros da cidade, muitos realmente ves-



Tip Lewis e Sua Lâmpada

tindo trapos. Se era isso que o homem queria, então a festa seria um sucesso.

A noite passou ligeiro. Finalmente o Sr. Minturn reuniu todos na varanda da casa e disse:

— Atenção! Vamos ouvir o que o Sr. Holbrook tem para nos dizer. Em seguida vamos cantar um hino e todos poderão ir embora para suas casas.

O Sr. Holbrook era o pastor. Muitos dos presentes o conheciam e estavam ansiosos para ouvir o que ele tinha a dizer. Somente Tip, que só conseguia pensar no chafariz, disse baixinho:

— Chega de pregação!

O Sr. Holbrook foi até onde os meninos estavam reunidos.

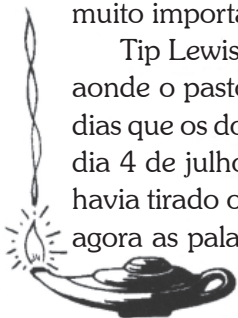
— Atenção! Todos se divertiram muito, não é verdade?

— É verdade! — todos responderam.

— Sim, pelo que estou vendo, vocês todos estão muito felizes. Sei que estão cansados e não vou cansá-los mais fazendo um discurso aqui. Mas em poucas palavras quero lhes dizer o que andei pensando nesta noite. Vi vocês brincando em volta daquele chafariz, todos jovens, inteligentes e felizes, e disse comigo mesmo: “Quando chegar a hora de nos reunirmos em volta daquela fonte de água viva que sai do trono de Deus, será que alguns destes jovens estarão faltando? Jovens, peço a Deus que todos vocês estejam presentes naquela hora. Sim, *todos*”.

Foi um discurso de poucas palavras, tão poucas que até o menino mais novo entendia tudo. Mas foi um discurso muito importante.

Tip Lewis foi passando por entre os meninos até chegar aonde o pastor estava. Estava bem sério. Fazia apenas dois dias que os dois haviam conversado na represa. O feriado do dia 4 de julho, com todas as suas brincadeiras e bagunças, havia tirado os pensamentos mais sérios de sua cabeça, mas agora as palavras tão lindas do pastor fê-lo lembrar da sua



Capítulo 3

decisão – um pouco fraca, convenhamos – de mudar sua vida. Esta decisão agora estava mais carregada de convicção, pois resolveu pôr em prática imediatamente aquilo que teria que fazer. Sentiu-se fortalecido quando ouviu as vozes dos jovens cantando:

*Eu já li de um mundo formoso
Um lugar sem trevas nem dor,
Onde a luz é o Deus poderoso
Que reina em paz e amor.
Já li sobre um rio que nasce
Debaixo do trono do Rei,
Onde a árvore da vida floresce...*

É uma pena que ninguém conseguiu ler os pensamentos de Tip enquanto ouvia este lindo hino da escola dominical. Se alguém tivesse chegado perto dele e falado umas poucas palavras de ânimo, ajudando esta pobre alma a encontrar o caminho certo, teria sido uma bênção. Mas isto não aconteceu.

Mas tudo bem. Deus viu e cuidou disso.



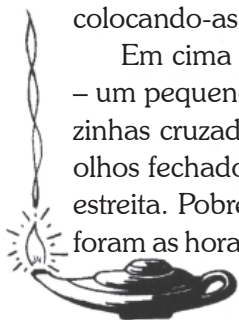
Capítulo 4

Os que de madrugada me buscam, encontram.

Por incrível que pareça, a casinha da senhora Lewis estava limpinha. Não havia panelas no fogão e a louça estava lavada. Até a janela estava fechada para não entrar a poeira da rua – e nem barulho.

Kitty estava parada na porta aberta, olhando para fora. Acabara de tomar banho, seu cabelo estava penteadinho e o vestido cuidadosamente remendado. Ela estava quietinha, com um olhar sério, sem nem sequer sentir vontade de correr atrás das borboletas que voavam no ar, o que para ela era muito estranho. Sentado numa poltrona gasta, estava o pai de Kitty, magro e doente. Seu rosto refletia uma profunda tristeza. Nem Tip nem sua mãe estavam na sala. Umaz vizinhas entravam e saíam silenciosamente, trazendo cadeiras e colocando-as na salinha.

Em cima da mesa via-se o porquê desta mudança toda – um pequeno caixão feito de tábuas. Dentro, com as mãos cruzadas, estava o pequeno Johnny, quieto, com os olhos fechados. Estava tão bonitinho dentro desta caminha estreita. Pobre Johnny! Não teve uma infância feliz. Muitas foram as horas que passou no berço, ganhando apenas olha-



Capítulo 4

res feios da Kitty e nem sequer isso da mãe. Não era que ela não gostasse do filhinho, mas a responsabilidade de ganhar o pão para a família toda pesava tanto nela que muitas vezes não sobravam forças para atender às suas necessidades. Mas agora o choro de Johnny não iria incomodá-la mais. O corpinho cansado dele estava descansando no caixão de tábuas. sua alma preciosa estava nas mãos do Salvador.

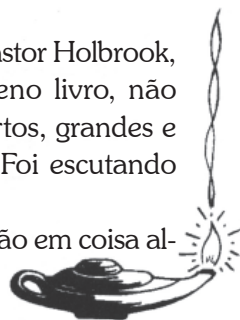
Silenciosamente Tip saiu de seu quarto. Seu cabelo estava mais ou menos penteado e os trapos que vestia estavam limpinhos. Seu coração pesava como uma pedra e as lágrimas brotavam em seus olhos ao ver seu irmãozinho. Tip o amava muito, embora não tivesse muito contato com ele, talvez pela diferença de idade entre eles. Mas havia um consolo. Diferentemente de Kitty, Tip sempre o tratara com muito carinho e palavras bondosas. Agora Kitty, parada na porta, se lembrava das palavras odiosas que falara para o bebê, das muitas vezes que deixou de acolhê-lo nos braços quando chorava, da sua falta de amor. Pobre Kitty, teria segurado o menino a noite toda com muito prazer, se apenas voltasse a viver.

As pessoas dos casebres em volta começaram a encher a sala. A senhora Lewis saiu do quarto e sentou-se ao lado da poltrona velha onde o marido estava sentado. Seu rosto manchado de lágrimas estava escondido atrás de um véu preto que uma vizinha prestativa lhe emprestara.

Dentro de poucos minutos havia mais de uma dúzia de pessoas dentro da sala. O Sr. Holbrook levantou-se de onde estava sentado na cabeceira do caixão.

Tip endireitou o corpo ao ouvir a voz do pastor Holbrook, e quando este começou a ler de um pequeno livro, não deixou uma só palavra escapar: “E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono...” Foi escutando até o fim da leitura.

Nunca na vida Tip prestara tamanha atenção em coisa al-



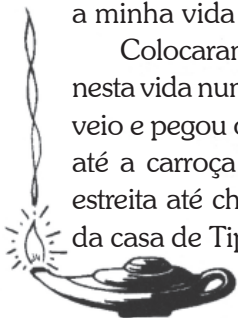
Tip Lewis e Sua Lâmpada

guma, como nas palavras do Sr. Holbrook. Eram pensamentos tão simples que até uma criança entendia tudo, pensamentos sobre o céu, sobre uma linda cidade, justamente daquela em que ele tanto pensara durante as últimas três semanas. Desde aquela manhã na escola dominical, seu coração estivera numa luta constante com Satanás. Ele ainda não sabia que era a voz deste inimigo que constantemente o desanimava de ser cristão. Esta mesma voz lhe dizia que não prestava para nada, que era um pobre coitado e que ninguém iria ter o mínimo interesse em ajudá-lo. Ele também não reconhecia a origem da outra voz que falava com ele, que lhe dizia: “Outros rapazes já conseguiram mudar sua vida. Se Robert (aquele da história que a professora contou) conseguiu mudar sua vida, então você também pode. Caso contrário, nunca verá aquele lindo rio que sai de debaixo do trono e nem as ruas de ouro puro”. Esta era a voz do amoroso Espírito Santo, embora Tip não o soubesse.

Agora, enquanto ouvia as palavras do Sr. Holbrook, Tip entendeu como Johnny, seu querido irmãozinho, estava seguro nos braços de Jesus para todo o sempre, e como este mesmo Jesus agora estava dizendo ao pai e à mãe e aos irmãos de Johnny: “Quero que vocês me entreguem seus corações, para que quando eu voltar para juntar minhas jóias, possam ir comigo”.

Aquela decisão fraca que tomara no seu coração há algumas semanas começou a ficar mais forte. Enquanto as lágrimas rolavam, disse consigo mesmo: “É hoje! É hoje que a minha vida vai mudar!”

Colocaram a tampa no pequeno caixão. Tip sabia que nesta vida nunca mais veria o rostinho de Johnny. Um homem veio e pegou o caixão, que não pesava quase nada, e o levou até a carroça que esperava na rua. Foram descendo a rua estreita até chegar no cemitério, que não ficava muito longe da casa de Tip. O lugar de descanso de Johnny foi à sombra



Capítulo 4

de uma árvore grande. Com ele havia mais um no grande número de crianças que ficam esperando em volta do trono.

Devagar as pessoas foram se afastando do cemitério...todas menos Tip. Ele não queria deixar Johnny. Queria ir para o mesmo lugar onde ele acabara de ir. O Sr. Holbrook viu o menino sozinho ao lado da sepultura. Parou e colocou a mão no ombro de Tip.

— Meu filho, se quiser, você pode ir para o mesmo lugar — ele disse bondosamente.

Tip o olhou rapidamente e depois olhou para baixo novamente. Sentia vontade de perguntar como fazer isso, mas sua voz estava embargada. Não conseguia falar uma única palavra. Apenas ouviu quando o pastor disse:

— Deus lhe abençoe, meu jovem amigo. Que ele lhe guie até chegar aonde ele está.

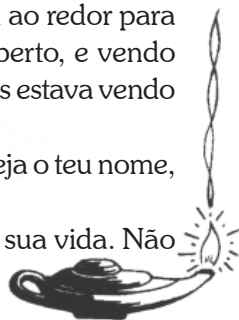
Com isso o Sr. Holbrook o deixou.

Tip saiu andando no meio da mata. Quando voltou, o coveiro terminara seu serviço. Tip andou ao redor da pequena cova, tentando se convencer de que seu irmãozinho realmente estava aí debaixo do chão, e que nunca mais o veria. Mas aí veio o novo pensamento, de que na realidade seu irmão não estava aí, mas sim no céu, naquele lindo lugar do qual o hino falava: *É lá, sim lá, que eu viverei!*

Tip já havia ouvido as pessoas orarem. Já fora à escola dominical o suficiente para aprender mais ou menos as palavras do Pai Nosso. Ele já sabia que Deus ouve quando nós falamos, e que se quisermos ir para o céu, temos que pedir que ele nos leve. Ele hesitou um pouco, olhou ao redor para ter a certeza de que não havia ninguém por perto, e vendo que não havia mais ninguém, ajoelhou-se. Deus estava vendo tudo e ouviu tudo que disse:

“Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome, venha o teu reino...”

Aí parou. Nunca Tip estivera tão sério em sua vida. Não



Tip Lewis e Sua Lâmpada

entendia bem as palavras que orava. Começou novamente: “Ó Jesus, quero...”, e novamente parou.

O que ele realmente queria? “Quero mudar a minha vida. Sou um rapaz muito mau. Quando eu morrer, quero ir para onde Johnny está. Isto é possível?”

Será que Jesus alguma vez deixou de atender a uma oração dessas? Nunca deixou de atender, e enquanto o mundo permanecer, nunca deixará de atender.

Quando Tip se levantou, sentiu que alguma coisa havia mudado, uma coisa realmente importante e que sua vida daqui em diante seria diferente. O Salvador estendera-lhe a mão – e Tip a aceitou.

